

# Introdução

O ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras tem vindo a ganhar cada vez mais importância nas últimas décadas. Este acontecimento não é novo: já no século XIX se sentiu uma forte preocupação pelo desenvolvimento de propostas metodológicas (como o método de gramática-tradução ou, na passagem do século XIX para o século XX, o método direto), o que se evidencia, no século passado, através de abordagens, fundamentadas – em maior ou menor medida – em teorias de ordem linguística e psicológica, como os métodos audiolingual e audiovisual ou os enfoques de tipo comunicativo. Este interesse concretizou-se também na publicação de inúmeros manuais e gramáticas, que se baseiam nas propostas referidas, bem como nas consequências deles no trabalho dos docentes e nos aprendentes. No entanto, um dos fenómenos mais notáveis dos últimos quarenta e cinco anos tem sido, a par da configuração dos enfoques metodológicos e dos objetos que deles emanam, o crescente interesse e preocupação pela formação em línguas estrangeiras no âmbito institucional (e transnacional) que tem condicionado fortemente a política linguística dos estados nesta matéria. São, a este respeito, bem conhecidas as repercussões do documento produzido, em 1975, no seio do Conselho da Europa, e publicado sob o título *Threshold Level*, inicialmente elaborado para o ensino do inglês e, nos anos seguintes, adaptado para o contexto de ensino de outras línguas (em 1976, *Un niveau seuil* para o francês; em 1979, *Un nivel umbral* para o espanhol; em 1980, *Kontaktschwelle* para o alemão, ou, em 1988, *Nível limiar* para o português). Mais conhecida é ainda a influência do *Common European Framework of Reference for Languages: Learning, teaching, assessment* – editado em 2001, igualmente no âmbito do Conselho da Europa – na política dos estados – europeus e não só – no que toca à educação em línguas, manifestada, entre

outros aspetos, na reformulação dos planos curriculares e dos programas de acordo com os níveis comuns de referência propostos pelo CEFRL, ou nas áreas de didática ou na formação de professores. Pese embora o sucesso destes documentos orientadores, eles não têm escapado ao olhar crítico dos especialistas.

Os trabalhos que são apresentados no presente volume, intitulado *As línguas estrangeiras no Ensino Superior: balanços, estratégias e desafios futuros*, debruçam-se sobre diferentes aspetos do ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras; alguns deles analisam precisamente os efeitos do documento de referência que acaba de ser referido. Uma leitura crítica do CEFRL, com efeito, é desenvolvida a partir dos contributos de Bruno Maurer, Dominique Faria, Jean-Marie Prieur e Rose-Marie Volle e José Domingues de Almeida. Outros autores, por seu turno, apresentam investigações sobre aspetos das áreas nucleares dos mestrados em ensino em Portugal; de diversos aspetos que concernem à didática específica tratam os trabalhos de Elisabete Mendes Silva e Luciana Cabral Pereira, e Rogelio Ponce de León Romeo; por sua vez, alguns recursos, práticas e representações enquadradas na formação de professores são analisados nos estudos de Ana María Cea Álvarez, María del Pilar Nicolás Martínez, Marta Pazos Anido e Simone Auf der Maur Tomé, e Nicolas Hurst. Outros investigadores, por fim, examinam, no âmbito do ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras, questões que se prendem com o papel do professor (Abdelilah Suisse e Ana Isabel Andrade), com a centralidade do aluno no processo de ensino-aprendizagem (Hamida Mahjoub) ou com a forma como os elementos estruturantes do processo de ensino-aprendizagem (instituição, professor, aluno...) se relacionam, assumindo a ética como eixo central (Christopher Anderson).

Todos eles ajudam a esclarecer alguns dos aspetos que foram esboçados no início da presente nota e enfatizam a importância da investigação na educação em línguas.

Ângela Carvalho  
José Domingues de Almeida  
Nicolas Hurst  
Rogelio Ponce de León Romeo  
Simone Auf der Maur Tomé